Anthropocenica

https://doi.org/10.21814/anthropocenica.6847

É com renovada expectativa que apresentamos o sexto número da *Anthropocenica – Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. Se o volume anterior consolidou um diálogo interdisciplinar frutífero, a presente edição avança de forma decidida, aprofundando e desconstruindo criticamente as próprias premissas fundadoras da "Era do Humano". Os textos aqui reunidos interrogam, com acuidade, os paradoxos, as genealogias obscuras e os futuros – possíveis e quiméricos – do Antropoceno, desafiando a pensar para além das narrativas consolidadas.

A estrutura deste número mantém o compromisso com a pluralidade de formatos, integrando três artigos originais, duas recensões críticas e uma secção especial de tradução comentada.

Inaugura a secção de artigos o ensaio "Gnostic Secularocene: An Eco-Historical Reading of Joseph Conrad's Heart of Darkness", que propõe uma leitura pioneira da obra canónica de Joseph Conrad. Através das lentes concetuais do *Secularocene* – noção cunhada por Mohamed Amer Meziane – e de uma reinterpretação do gnosticismo à luz de Bruno Latour, o autor expõe as raízes dualistas do projecto imperial secular. A análise demonstra como é que a geografia imperial, ao erigir um continente como África em símbolo de um "mal" material a dominar, conduz inevitavelmente a um impasse niilista que desvaloriza de forma radical a experiência humana da terrestrialidade. Este artigo estabelece, assim, um diálogo crucial entre a ecocrítica pós-colonial e a filosofia política.

Segue-se "Antrópico e transumano: o paradoxo do Antropoceno", que confronta o leitor com o paradoxo central que intitula o texto. Partindo do lema da Tyrell Corporation – *more human than human* –, a autora argumenta que a força motriz do Antropoceno não emana do *homo humanus*, mas antes de uma inteligência antrópica, neutra e carente de empatia, análoga àquilo que hoje designamos por Inteligência Artificial. A tese é arrojada: a "Idade do Humano" é, na verdade, configurada por um princípio desumanizante, pré-configurando um futuro transumano que nega a condição humana que nominalmente invoca.

Completa o conjunto de artigos "Antropoceno, Cuidado e IA. Sobre o processo de ressignificação tecnológica do mundo". Num momento de certa euforia face a soluções tecnológicas para a crise climática, este texto ergue-se como um contraponto filosófico da maior urgência. O artigo articula de forma perspicaz a perceção do Antropoceno como uma "ferida narcísica" da humanidade com a perda de controlo sobre o processo de dominação tecnológica da natureza. Sustenta-se que uma visão ecomodernista simplista,

que reduz os problemas complexos do Antropoceno a meros algoritmos, nos afasta irremediavelmente de uma relação de "cuidado" (*Sorge*) para com a natureza. A tese central é clara: a aplicação da Inteligência Artifiical deve ser guiada por uma responsabilidade ética radical, ontologicamente fundamentada, sob pena de agravar a rutura que se propõe resolver.

A secção das recensões analisa duas obras recentes e marcantes. A primeira incide sobre a obra colectiva *Ecogames: Playful Perspectives on the Climate Crisis*, explorando o potencial crítico e pedagógico dos videojogos enquanto *medium* para repensar e experienciar a crise climática. A segunda recensão debruça-se sobre o volume *Gratuita 4: animais*, uma colectânea que coloca a questão animal no centro do debate ético e filosófico contemporâneo, desafiando as fronteiras convencionais do humano e interpelando as nossas responsabilidades para com os outros seres sencientes.

Por fim, na secção de tradução, seguida de comentário, apresentamos um excerto da obra do Conde de Buffon, "Sétima e última época. Quando o poder do homem secundou o da natureza", traduzido e comentado. Este texto revela-se de uma relevância ímpar, na medida em demonstra como Buffon, já no século XVIII, concetualizava uma época geológica definida pelo poder transformador da acção humana – um verdadeiro Antropoceno *avant la lettre*. O comentário que acompanha a tradução situa historicamente esta intuição pioneira e problematiza o seu significado para os estudos contemporâneos do Antropoceno, acrescentando uma camada fundamental de profundidade histórica ao debate em curso.

Este número da *Anthropocenica* constitui, pois, um convite para navegar pelos paradoxos fundadores da nossa era. Das sombras gnósticas do colonialismo às fronteiras nebulosas entre o humano e a Inteligência Artificial, dos jogos climáticos ao cuidado ético, das intuições do passado aos futuros incertos, os textos aqui compilados não oferecem respostas fáceis, mas sim ferramentas críticas essenciais. Que elas nos inspirem a interrogar, com maior rigor, subtileza e coragem, as narrativas que tecemos sobre nós próprios e o nosso lugar no planeta.

Agradecemos, uma vez mais, aos autores, tradutores e revisores pelo seu trabalho indispensável e pelo seu compromisso inabalável com o diálogo crítico e reflexivo que define esta publicação.

Os editores
Maria do Carmo Mendes e João Ribeiro Mendes